

VENEZUELA

Presidente brasileiro conversa por telefone com Joe Biden — que também pede a divulgação das atas de votação —, mas defende o reconhecimento internacional da reeleição de Maduro caso seja confirmada pela Justiça eleitoral venezuelana

Lula não vê “nada de anormal”

» INGRID SOARES
» VICTOR CORREIA

Em seu primeiro comentário sobre o resultado das eleições presidenciais na Venezuela, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse que “não tem nada de grave e assustador” — ou “anormal” — no pleito e que, para “resolver a briga”, é preciso que o governo de Nicolás Maduro apresente as atas das seções eleitorais.

“É normal que tenha uma briga. Como resolve essa briga? Apresenta a ata. Se a ata tiver dúvida entre a oposição e a situação, a oposição entra com um recurso e vai esperar na Justiça o processo. E vai ter uma decisão, que a gente tem que acatar. Eu estou convencido de que é um processo normal, tranquilo”, afirmou o presidente, em entrevista ontem no Palácio da Alvorada à TV Centro América, afiliada da TV Globo em Mato Grosso. No entanto, outros países, como Argentina, Chile e Uruguai, contestaram o resultado.

Lula afirmou que, caso as atas sejam apresentadas, o Brasil tem a obrigação de reconhecer o resultado. “Na hora que tiverem apresentado as atas, e for consagrado que a ata é verdadeira, todos nós temos a obrigação de reconhecer o resultado eleitoral da Venezuela”, alegou.

O Brasil ainda não emitiu um posicionamento sobre o reconhecimento das eleições. Ontem, o

Itamaraty informou que aguarda a divulgação de dados oficiais. Na segunda-feira, a chancelaria brasileira vetou a participação da embaixadora do Brasil na Venezuela, Glivânia Maria de Oliveira, na reunião com Maduro que proclamou a vitória do presidente, mas o PT divulgou, no mesmo dia, nota em que reconhece o resultado proclamado pelo governo venezuelano.

“O PT reconheceu, a nota do Partido dos Trabalhadores reconhece e elogia o povo venezuelano pelas eleições pacíficas”, declarou Lula à TV mato-grossense. “O tribunal eleitoral já reconheceu o Maduro como vitorioso, mas a oposição ainda não. Então, tem um processo. Não tem nada de grave, não tem nada de assustador. Eu vejo a imprensa brasileira tratando como se fosse a 3ª Guerra Mundial. Não tem nada de anormal”, avaliou o presidente.

Lula afirmou ainda que há uma proposta que está sendo costurada de que Brasil, México e Colômbia assinem uma nota conjunta. “Não acho que é necessária muita coisa, não”, disse ele, ressaltando que não pode haver “ingerência externa” nos assuntos da Venezuela.

Telefonema de Biden

À tarde, Lula e o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, conversaram por telefone sobre a eleição presidencial na Venezuela. Na ligação, que durou cerca de 30 minutos, Biden reforçou

AFP



“Estou convencido de que é um processo normal, tranquilo”, disse Lula sobre a eleição venezuelana

a importância da divulgação das atas de votação. Lula deu detalhes das reuniões que o assessor especial para Assuntos Internacionais da Presidência, Celso Amorim, participou com Maduro e com representantes da oposição, que contesta o resultado e acusa Maduro de fraudar o pleito.

“Amorim reiterou a posição do Brasil de seguir trabalhando pela

normalização do processo político no país vizinho, que terá efeitos positivos para toda a região”, informou a assessoria do Planalto, em nota. “Lula reiterou que é fundamental a publicação das atas eleitorais do pleito ocorrido no último domingo. Biden concordou com a importância das divulgações das atas”, diz outro trecho da nota.

Em comunicado divulgado

pela Casa Branca, Biden agradeceu a Lula “por sua liderança na Venezuela”. Segundo a nota do governo dos EUA, “os dois líderes concordaram na necessidade de divulgação imediata de dados eleitorais completos, transparentes e detalhados ao nível das assembleias de voto pelas autoridades eleitorais venezuelanas. Ambos partilharam a perspectiva de que o resultado das eleições

venezuelanas representa um momento crítico para a democracia no hemisfério e comprometeram-se a permanecer em estreita coordenação sobre a questão”.

Lula aproveitou o telefonema para cumprimentar Biden pela decisão “magnânima” de desistir de concorrer à reeleição e “dessejou sucesso para a democracia do país nas eleições presidenciais, em novembro”.

Antes de conversar com Biden, Lula convocou o ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, para uma reunião no Palácio da Alvorada. Vieira atualizou o presidente sobre os últimos acontecimentos na Venezuela, incluindo os protestos violentos contra a autodeclarada vitória de Maduro. No Itamaraty, cresce a preocupação com a demora na liberação das atas, apesar das promessas do regime de liberá-las “nos próximos dias”.

Na tarde de ontem, o assessor Celso Amorim desembarcou em Brasília vindo de Caracas, de onde acompanhou as eleições. Ainda na capital venezuelana, Amorim intercedeu para evitar a invasão da embaixada da Argentina, que abriga seis refugiados venezuelanos, opositores ao regime de Maduro. Na segunda-feira, o diplomata conversou com Maduro, e argumentou que a invasão seria uma quebra grave das normas diplomáticas internacionais. A conversa se deu a pedido da chanceler argentina, Diana Mondino.

PT ignora divergentes e reconhece vitória

» ÂNDREA MALCHER

A Executiva Nacional do Partido dos Trabalhadores (PT) contrariou o governo federal e divulgou uma nota, na noite de segunda-feira, em que reconhece a vitória de Nicolás Maduro nas eleições da Venezuela. “Importante que o presidente Nicolás Maduro, agora reeleito, continue o diálogo com a oposição, no sentido de superar os graves problemas da Venezuela, em grande medida causados por sanções ilegais”, diz o comunicado da legenda.

Maduro venceu a eleição, segundo o Conselho Nacional Eleitoral (CNE) venezuelano, com 51,2% dos votos, contra 44% de Edmundo González. A oposição, no entanto, acusa o governo de fraudar os resultados e afirma que González venceu com 70% dos votos.

Na nota, o PT diz que a eleição foi uma “jornada pacífica, democrática e soberana”. “Temos a certeza de que o Conselho Nacional Eleitoral, que apontou a vitória do presidente Nicolás Maduro,

dará tratamento respeitoso para todos os recursos que receba, nos prazos e nos termos previstos na Constituição da República Bolivariana da Venezuela”, observa a sigla comandada pela deputada Gleisi Hoffmann (PR).

A Executiva petista avisa que a agremiação permanecerá “vigilante”, na busca de evitar “violência e ingerência externa” em assuntos que dizem respeito ao continente. “O PT seguirá vigilante para contribuir, na medida de suas forças, para que os problemas da América Latina e Caribe sejam tratados pelos povos da nossa região, sem nenhum tipo de violência e ingerência externa”, finaliza a nota.

Falando em nome do presidente da Venezuela, o ministro das Relações Exteriores da Venezuela, Ivan Gil, agradeceu ao PT pelo reconhecimento do resultado eleitoral. “Agradecemos ao PT, partido governante do Brasil, por suas cálidas felicitações devido ao processo eleitoral de domingo”, postou ele em uma rede social.

O posicionamento, porém,

não é unanimidade dentro da agremiação. O primeiro a se manifestar de forma oposta foi o deputado Reginaldo Lopes (PT-MG), que chamou Maduro de “ditador”. “Um governo verdadeiramente democrático convive com críticas, questionamentos e oposição organizada. A atuação de Maduro na Venezuela é a postura de um ditador”, escreveu o parlamentar em sua rede social.

Sem transparência

No Senado, Paulo Paim (PT-RS) e Fabiano Contarato (PT-ES) também expressaram posicionamento divergente. Contarato observou que o resultado não pode ser reconhecido “enquanto as exigências mínimas de transparência não forem satisfatoriamente atendidas”.

“Um resultado que eventualmente confronte a vontade popular manifestada nas urnas não só será ilegítimo, como também lançará o país no abismo!”, complementou Contarato.

Paim, por sua vez, avaliou o

cenário na Venezuela como “gravíssimo” e “lamentável”. “Espero por dias melhores para o seu povo e para o país como um todo. Sem transparência no processo eleitoral, liberdade política e de expressão, e respeito aos direitos humanos, não há democracia”, pontuou o gaúcho na plataforma X.

O PSB — partido do vice-presidente Geraldo Alckmin — também seguiu a linha discordante ao condenar as violações de direitos humanos no país vizinho, em nota assinada pelo presidente da legenda, Carlos Siqueira. “Consideramos esse regime uma ditadura e, como tal, sabemos que ele não faria uma eleição livre, transparente e democrática”, conclui o texto.

O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), afirmou, ontem, que o governo venezuelano “se afasta” dos valores democráticos ao não divulgar os dados do pleito com transparência. “Numa democracia, a lisura e a transparência do processo eleitoral que assegure a prevalência da vontade do povo são base

Gilberto Sousa



Para Reginaldo Lopes, Nicolás Maduro “tem postura de ditador”

essencial e insuperável. O governo da Venezuela se afasta disso ao não demonstrar esses valores com clareza”, declarou.

“A luta pela democracia não nos permite ser seletivos e casuístas. Toda violação a ela deve ser apontada, prevenida e combatida, seja contra quem for”, pontuou Pacheco.

O líder da minoria no Senado, Ciro Nogueira (PP-PI), vai pedir

que o chanceler Mauro Vieira preste esclarecimentos sobre a posição do governo. “Diante da omissão, do silêncio, da convivência e da falta de reação perante o novo golpe perpetrado por Maduro em sua ditadura na Venezuela, vamos propor a convocação do ministro das Relações Exteriores no Senado com urgência. Para tentar explicar o inexplicável”, escreveu Nogueira, no X.

TENSÃO NO ORIENTE MÉDIO

Israel bombardeia Beirute

Forças israelenses bombardearam, ontem, um subúrbio da capital do Líbano, numa ofensiva que teve como alvo Fuad Shukur, do movimento islamita Hezbollah. Foi uma resposta à ação que matou 12 jovens, no último sábado, na região das Colinas de Golá, anexada por Israel. “As IDF (sigla em inglês para Forças de Defesa de Israel) realizaram um ataque seletivo em Beirute contra o comandante responsável pelo assassinato de crianças em Majdal Shams e muitos outros civis israelenses”, indicou um comunicado.

Pelo menos três pessoas morreram e 74 pessoas ficaram feridas. As informações sobre Fuad Shukur são contraditórias. Segundo uma fonte do Hezbollah, o comandante teria sobrevivido. O Exército israelense, por sua vez, garantiu que seus caças “eliminaram” o líder do movimento libanês Hezbollah, diretamente responsabilizado pela ofensiva de sábado.

O ataque de ontem elevou ainda mais o nível de tensão na

região. O governo do premiê israelense, Benjamin Netanyahu, diz que prefere evitar “guerra mais ampla” com Hezbollah, mas frisou que está pronto “para qualquer cenário”.

O primeiro-ministro libanês, Najib Mikati, denunciou uma “flagrante agressão” e um “ato criminoso”, e pediu que a comunidade internacional faça “pressão para obrigar Israel a deter sua agressão e suas ameaças e a aplicar as resoluções internacionais”.

O Irã, que apoia o Hezbollah, criticou o que classificou de “ação implacável e criminosa da gangue criminosa sionista”. A Rússia considerou que essa operação constituiu “uma grave violação do direito internacional”.

Israel e Estados Unidos acusaram o movimento islamita pelo ataque de sábado à cidade drusa. O grupo libanês, aliado do movimento islamista palestino Hamas, negou envolvimento, mas isso não demoveu Israel da decisão de reagir.

Provável candidata democrata

nas eleições presidenciais de novembro, a vice-presidente americana, Kamala Harris, saiu em defesa de Israel, frisando que o Estado judeu tem “o direito de se defender de uma organização terrorista, que é exatamente o que o Hezbollah é”.

Retaliação

Na segunda-feira, o premiê Benjamin Netanyahu prometeu uma dura resposta à agressão, que veio em menos de 24 horas e que aumentou os temores de que a guerra entre Israel e Hamas na Faixa de Gaza se estenda para o Líbano e a região. “Essas crianças são nossos filhos”, disse Netanyahu, acrescentando: “O Estado de Israel não vai e não pode deixar que isso aconteça”.

Os líderes drusos da cidade consideraram a tragédia “imensa”. Sinalizaram, porém, que rejeitavam qualquer retaliação, devido à doutrina que rege sua comunidade, cuja religião vem do Islã. “Proíbe o assassinato e a

AFP



Prédio atingido pelo ataque à capital libanesa: ofensiva teve como alvo Fuad Shukur, líder do Hezbollah

vingança em qualquer forma”, explicaram.

Desde que a guerra começou em Gaza, desencadeada pelo ataque do Hamas no sul de Israel em outubro de 2023, os encontros entre o Exército israelense e o movimento libanês,

na fronteira entre os dois países, são quase diários.

Ainda ontem, um civil israelense morreu pela queda de um foguete no norte do país. O Exército respondeu a uma série de projéteis lançados do Líbano. Horas antes, anunciou ter

atingido “uma dezena de alvos terroristas do Hezbollah”, incluindo um depósito de armas e infraestruturas, em sete regiões do sul do Líbano. Já o Hezbollah relatou ter bombardeado um quartel de Beit Hilel, no norte de Israel, com foguetes e drones.